



MATERNIDADE E VIOLÊNCIA EM

“QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Eliane Campello (UCPel)

Em *Olhos d'água* (2014), Conceição Evaristo (1946), uma das mais significativas representantes da literatura afro-brasileira, mostra de que forma determinadas construções culturais de gênero na sociedade brasileira contemporânea são filtradas pela voz da mulher negra, enquanto entrecruzam-se com questões históricas fundamentais, tanto no espaço público quanto no familiar. Especialmente no conto “Quantos filhos Natalina teve?” (p. 43-50), Conceição transforma o corpo e a sexualidade da protagonista no locus discursivo, na medida em que explora a temática da maternidade, relacionando-a, por um lado, à violência física contra a mulher e, por outro, à idealização romântica do materno. Neste trabalho, recorro ao texto da autora “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face” (2005) e a “The fantasy of the perfect mother”, de Nancy Chodorow (em *Feminism and psychoanalytic theory*, 1989), entre outros suportes teóricos para sustentar a análise do conto selecionado. Ao universalizar o tema, a partir da perspectiva da mãe negra, a autora me permite questionar se a realidade brasileira pode ser estendida a outros países da América Latina.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. “Quantos filhos Natalina teve?”. Maternidade. violência.

Sin embargo, la veneración de la mujer como diosa dadora de la vida, como centro de su razón de ser, siguió siendo el núcleo cultural estable, alrededor del cual evolucionó la comunidad humana.

[Lilly Scherz]

*I'm defying gravity
And you won't bring me down*

[Idina Menzel]

Uma das mais relevantes escritoras afro-brasileiras da atualidade é Conceição Evaristo (n. 1946), que vem publicando poemas, contos e romances com foco em temas acerca da feminilidade, do corpo, da sexualidade, da maternidade e dos direitos violados

da mulher negra. Em “Quantos filhos Natalina teve?” (p. 43-50), incluído em *Olhos d'água* (2014)¹, entrelaça estes tópicos a questões de gênero, no viés ético e estético.

Conceição transforma o corpo e a sexualidade da protagonista no lócus discursivo, na medida em que explora a sua relação com a maternidade, associando-a, por um lado, à violência psicológica² e física e, por outro, à idealização do maternar. Dentro de uma perspectiva feminista, o discurso no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, estabelece uma base concreta por meio da relação entre linguagem e poder, de pronto percebida na pressão psicológica exercida pela mãe sobre Natalina, quando esta, ainda uma menina (ia fazer 14 anos), engravidada pela primeira vez. Depois da tentativa de aborto, com a ingestão de chás, Natalina foge de casa, porque a mãe pretende levá-la à Sá Praxedes, a velha parteira e aborteira do morro onde moram. Medo, ódio e vergonha são os sentimentos que a acompanham, na ânsia por livrar-se do nenê, “aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela” (ênfase acrescentada, p. 43).

Natalina pertence a uma família, embora miserável, estruturada tradicionalmente: mãe (empregada doméstica), pai e sete filhas. A mãe, porém, também chama o nenê (feto) de “troço” e uma “coisa”, ao demonstrar que, a cada nova gravidez sua, quer “se ver livre daquilo” (p. 44). Os sintomas da violência, comprovados pela escolha vocabular, estão presentes desde o começo da vida nos becos das favelas no Brasil. O discurso, afirma Fairclough (2001)³, é a linguagem imbuída de ideologias, que externaliza o seu funcionamento social; é uma forma de ação, de constituição e de posicionamento do sujeito.

Neste viés, apesar de Natalina viver em um núcleo familiar completo, não hesita em abandoná-lo, especialmente devido ao medo da velha, que “come crianças” (p. 45). A “menina-mãe” dá seu primeiro filho a uma enfermeira e na sua segunda gravidez, ela rejeita a proposta de casamento de Tonho, que leva a criança para ser criada em sua terra natal, longe dali, porque Natalina “... não queria família alguma. Não queria filho” (p. 46). Tonho nunca vem a entender sua recusa, “diante do que ele julgava ser o modo

¹ As referências ao conto analisado são indicadas entre parênteses pelo número da página.

² A violência psicológica vem especificada, no Brasil, na Lei nº 11.340 de 07 de Agosto de 2006, art.7º, inciso II.

³ Para Fairclough (2001), o método da Análise Crítica do Discurso é tridimensional, incluindo o texto, a prática discursiva e a prática social, dimensões discursivas interdependentes, embora cada uma seja pormenorizada em categorias analíticas, especificadas a seguir: a dimensão textual inclui vocabulário (escolhas lexicais), gramática, coesão, estrutura textual e *ethos*; a discursiva dá conta, principalmente, da produção, consumo, contexto e intertextualidade e a social engloba a ideologia, sentidos, pressupostos e metáforas, entre outras. Neste trabalho, o foco recai especialmente no texto, com ênfase nas escolhas lexicais e, na prática social, com vistas a buscar as significações e as ideologias que atravessam o discurso literário.

de uma mulher ser feliz” (p. 46). Não Natalina: ela quer, ao contrário da expectativa masculina e da sociedade em geral, um filho “só seu” (p. 43).

Na terceira gravidez, em que Natalina é contratada pelo casal para quem trabalha, para fazer um filho com o patrão, devido à esterilidade da patroa, ela ainda não consegue seu intento. A criança nasce “fraca e bela”, mas sobrevive (p. 48). Natalina sente-se aliviada, na medida em que é esquecida pelo casal. Somente sua quarta gravidez é que “não lhe deixava em dívida com pessoa alguma” (p. 48). Na primeira, deve a Bilico, o namoradinho, a descoberta dos prazeres do sexo; na segunda, sente-se devedora da “inteireza de Tonho” (p. 48) e, na terceira, se “condoeu da mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança”, por isto doa “sua fertilidade para que outra pudesse inventar uma criação” (p. 48-9).

Nessas passagens, Conceição veste a linguagem de cores líricas, acentuando o contraste chocante com as cenas da quarta gravidez de Natalina. Há uma moldura, construída sobre a técnica do *flashback*, estruturando o conto, isto é, no primeiro parágrafo, uma terceira pessoa narradora, nos apresenta a protagonista na gravidez desejada:

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo o carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho (p. 43).

Tal informação terá continuidade no último parágrafo do conto – “O filho de Natalina continuava bulindo na barriga da mãe” (p. 49) - quando ela rememora os momentos em que engravidou: o resultado de um estupro e de um assassinato, atos extremos de violência. Por volta de meia-noite, dois homens chegam em seu barraco, a dominam com força e perguntam por seu irmão. Ela não entende, pois nunca teve irmão!!! Com os olhos vendados e de mãos amarradas, eles a colocam num carro: um dos homens, o que está no banco de trás ao seu lado, desce e o do volante segue com ela para dentro de um mato. Ele “puxou-a violentamente jogou-a no chão”... desamarrou suas mãos, exigiu que lhe fizesse carinho e violentou-a: “Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela” (p. 50). Retirou-lhe a venda, mas ela não conseguiu ver seu rosto; apenas sentiu a arma dele caída no chão: “o tiro foi certo” (p. 50). Natalina fugiu e

Guardou tudo só para ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou

mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobre grávida (p.50).

E, Natalina se sente feliz!

De acordo com Débora Figueiredo, em “Os discursos públicos sobre o estupro e a construção social de identidades de gênero” (2006), “O estupro ainda é um crime cercado por uma aura de sigilo, provavelmente por envolver, do ponto de vista da vítima, sentimentos como vergonha, culpa, medo e dor...” (p. 210). Estes são os sentimentos de Natalina após ter sido estuprada. Entretanto, em oposição, em nenhum momento ela se ressentia por ter feito justiça com suas próprias mãos. Esta cena em conjunção com a violência da mãe contra Natalina, ao forçá-la a praticar aborto e a violência de Natalina contra os filhos das três primeiras gravidezes, representada pelo ódio que sentia deles, conduzem um discurso simbólico acerca da maternidade.

Uma teoria da maternidade, argumenta DuPlessis (1978, p. 8) deve começar pela relação inextricável da maternagem com a morte; porque a maternidade liga-se ao céu e ao inferno; à fala e ao silêncio, toda vez que se examina a maternidade no mesmo paradigma que a sexualidade. Quando se trata da violência contra as mulheres, esta, segundo Rich e Millett (in CHODOROW, 1989, p. 93-4) é simplesmente descrita, mas não oposta, porque a causa é o regime patriarcal.

DuPlessis (1978) reforça o seu próprio argumento anterior bem como o de Rich, ao explicitar que

Motherhood is culture's sacred cow. When women criticize it, they are challenging all institutions, that have axiomatic status, institutions which appear natural. Woman as mother translates into woman/nonquestioner; woman/nature; woman/sufferer; woman/madonna. So motherhood is the key role, the keystone in the patriarchal arch. For it is also the site of the wresting of power from women. This is Rich's argument⁴ (p. 9).

Nancy Chodorow, porém, trabalha para proteger as mulheres e para pesquisar a origem e as causas de tal violência. Natalina, contudo, auto-consciente, desvencilha-se das armadilhas contidas nas fantasias e noções culturais dominantes e viola os limites não só da passividade e da dependência feminina, como também do papel da aceitação dócil. Seu corpo não é dócil, nem maleável por injunções exteriores: não represa sua

⁴ Tradução livre: “A maternidade é a vaca sagrada da cultura. Quando as mulheres a criticam, estão desafiando todas as instituições que têm status axiomático, que parecem naturais. A mulher como mãe traduz-se em mulher/ não-questionadora; mulher/natureza; mulher/sofredora; mulher/madona. Então, a maternagem é o papel-chave, o elemento-chave no arco patriarcal. Porque é também o local do qual se arranca o poder das mulheres”.

sexualidade, além de romper com o discurso social que torna inseparável a imagem da “verdadeira mulher” com a da mãe. O entendimento de que não existe o tão decantado ‘instinto’ materno, de Simone de Beauvoir (1980), desde 1949, repetida de certa forma por Elizabeth Badinter, em *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, em 1985⁵, e *O conflito: a mulher e a mãe*, de 2010⁶, parece ser senão dominante, um dos temas mais representativos de “Quantos filhos Natalina teve?”.

Um dos aspectos mais salientes neste conto recai no fato de que Conceição em nenhum momento coloca Natalina no papel de vítima, fugindo deste modo da generização, do sexismo. Neste conto de Conceição também emergem fantasias e expectativas acerca da/o maternidade/maternar e sexualidade (CHODOROW, 1989, p. 84). Enquanto algumas teóricas (Rich e Rossi, cf. CHODOROW, 1989, p. 84) localizam uma das bases do empoderamento das mulheres na posse de seus corpos maternos, Chodorow vê uma forma de agressão primária na relação da mãe com a criança, da criança com a mãe, da mãe-como-criança contra sua própria mãe.

A maternidade mantém uma íntima relação com a destruição e a morte. Uma das fantasias da onipotência materna, decantadas por Chodorow (1989), é que a mãe-vítima cria uma criança-vítima. No conto, entretanto, Natalina demonstra, inicialmente, ter uma índole passiva: ao sinal da violência da mãe contra ela, ela não retruca; simplesmente se retira do cortiço. Nas outras gravidezes também, ela se sente devedora de alguém, mas nunca vítima. Quando, finalmente torna-se, na realidade, uma vítima de estupro, Natalina reverte toda a situação e suas circunstâncias, em liberação. Sua passividade não se confirma, quando se defende do estupro. Neste ato e espaço discursivo, pois lugar de produção, se entrelaçam significações atravessadas,

⁵ Badinter concorda com a escritora e psicanalista brasileira Betty Milan, ao ser perguntada se a consequência positiva de seu livros (*L'amour en plus*, 1980; *Mother Love: myth and reality*, 1981) “foi efetivamente a de desculpabilizar as mulheres”. Betty Milan acrescenta: “Trinta anos depois (em 2010), a senhora escreveu *O conflito: a mulher e a mãe*” [*Le conflit: la femme et la mère* or *The conflict: how modern motherhood undermines the status of women*, 2011], “em que a maternidade é novamente o núcleo do livro”. Quanto ao retorno a uma concepção reacionária da maternidade, Badinter afirma que considera este recuo um retrocesso. Além disso, perguntada acerca do “jogo da mãe perfeita” e da “impossibilidade de um modelo”, Badinter responde: “Creio que a mãe ideal é tão rara quanto Mozart”. Ainda: “O culto da mãe perfeita é diabólico com as mulheres”. Informações no site <http://veja.abril.com.br/multimedia/video/o-culto-da-mae-perfeita-e-diabolico-com-as-mulheres-afirma-elizabeth-badinter>, consultado em 10 de maio de 2016.

⁶ Badinter propõe um debate acerca das conquistas das mulheres, enfatizando os ganhos, ou não, alcançados pelo feminismo. A autora questiona também se o discurso feminista divulgado pela mídia se adequa aos anseios das mulheres na prática. Além disto, nesta obra, ela discute a sacralização do corpo feminino e a volta ao modelo judaico-cristão de valorização da maternidade, em outras palavras, a volta do mito do amor materno como instinto e não como construção cultural.

paradoxalmente, por início e fim, uma vez que “Um filho” ali “fora concebido” ...“(n)os frágeis limites da vida e da morte” (p. 50).

Natalina rompe o horizonte de expectativa da sociedade no que diz respeito à fantasiosa e idealizada imagem da mãe perfeita. A relação mãe-criança é marcada pelo ódio, para apenas na quarta gestação, a protagonista ver recuperado o amor, a figuração mais próxima ao denominado amor materno incondicional. Resultado de um ato não só criminoso, como essencialmente odioso, o estupro exigiu-lhe uma resposta: - o assassinato de seu estuprador, que funciona no plano discursivo como um grito de liberdade. Em *Of woman born* (1976, p. 292), Adrienne Rich, citada por Chodorow (1989, p. 83), diz que “We need to imagine a world in which every woman is the presiding genius of her own body”⁷. Para tal, é necessário que ocorra a liberação da maternidade das repressões da tecnologia patriarcal e, neste mundo novo, as mulheres, além de criarem novas vidas, terão condições de alterar a existência humana.

Considerações nada definitivas

Em “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face” (2005), Conceição aponta os caminhos para o entendimento da literatura brasileira produzida pelas mulheres negras brasileiras, na medida em que o empoderamento oriundo do domínio da “pena”, é possível (con)(re)verter o falocentrismo. Esse movimento ocorre devido ao surgimento de “um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (p. 205).

Ela traça um paralelo entre sua experiência de vida e sua *écriture*, estabelecendo uma relação de continuidade entre ambas. Tal fator é que lhe permite realizar seu projeto ideológico-estético, com origem na memória oral (oralitura, 2005, p. 207). Para a autora, a oralidade é corpo, olhar, ritmo e gesto. Ela a valoriza ao reconhecer a influência das histórias contadas pela avó, tias e mãe, para quem tudo era “motivo de prosa-poesia” (2005, p. 201), no seu processo de criação literária.

A “escre(vivência)” traz implicações de dupla face, isto é, aproxima gênero e etnia, provocando reflexões acerca do tratamento dispensado às mulheres negras na

⁷ Tradução livre: “Nós precisamos imaginar um mundo no qual toda mulher seja o gênio controlador de seu próprio corpo”.

sociedade e na literatura brasileira. Conceição foge dos estereótipos, pois as imagens do corpo negro não se restringem à satisfação física do “macho-senhor”, nem somente à procriação, ambas resquícios de um passado escravo. As noções associadas às mulheres negras como um mal não redimido, infecundas e perigosas, na sua obra, são substituídas por uma escrita fundamentada na invenção de estratégias de afirmação no presente, a partir da conduta de suas antecessoras como “um tributo as suas antepassadas” (2005, p. 207).

Seja no âmbito das questões raciais ou das feministas, a autora lida com relações dialógicas entre margem/centro e objeto/sujeito. Sua ênfase recai, entretanto, em um processo de descolonização, uma vez que às suas personagens femininas e subalternas é dada voz. Com isso, Conceição demonstra sua resistência à dominação.

Este fazer literário, em que se afirma um Eu negra, resulta em “Táticas de sobrevivência [que] foram também ensinadas e aprendidas na teia familiar de todos os povos da diáspora africana” (2005, p. 207). Com tais parâmetros, o eu de Natalina vai se constituindo e construindo na medida em que enfrenta o olhar do Outro e a ele responde, ou seja, é na alteridade que junto com a protagonista surge também a configuração da vida e da morte, da solidão e do espírito grupal, da fala e da afasia, do silêncio, da expressão e do grito e, finalmente, do aprisionamento à liberdade. Natalina passa por todos esses estágios, em grande parte, tendo que superar a violência da situação.

Para Constância Lima Duarte, em “Gênero e violência na literatura afro-brasileira” (2016), “A literatura de autoria assumidamente negra – como esta, assinada por Conceição Evaristo – ao mesmo tempo projeto político e social, testemunho e ficção, está se inscrevendo de forma definitiva na literatura nacional” (p. 6). Em *BrasilAfro autorevelado: Literatura Brasileira contemporânea* (2010), Miriam Alves sumariza o papel marcante das escritoras afrobrasileiras no cenário literário contemporâneo. No seu entendimento:

A produção textual das mulheres negras é relevante, pois põe a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. Partindo de outro olhar, debatendo-se contra as amarras da linguagem, as mordidas ideológicas e as imposições históricas, propicia uma reflexão revelando a face de um **Brasilafro** feminino, diferente do que se padronizou, humanizando esta mulher negra, imprimindo um rosto, um corpo e um sentir mulher com características próprias (ênfase no original, p. 67).

Acredito que, assim como Conceição ao criar Natalina, as escritoras latino-americanas cujas vozes isoladas têm sido frequentemente ouvidas, ou nem têm sido ouvidas, não mais necessitam se considerar marginais e únicas. É preciso que busquem se unir a seus pares, para o encontro de uma voz em uníssono. Uma voz das escritoras que dê conta de seus medos e significações, silêncios e gritos, traumas, crises e conquistas. É preciso recuperar memórias e registrar histórias.

Em “Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade”, Eduardo Duarte (2011, p. 173), considera que as escritoras negras brasileiras estão empenhadas em “figurar a mulher” por suas “atitudes de luta e resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito”. Elas lidam com o fator da exclusão da mulher negra, pois suas personagens “vivem como domésticas, mendigas, faveladas, presidiárias. Mas são, sobretudo, mulheres de fibra, lideranças, referências comunitárias”. Natalina serve de testemunho a tais afirmativas.

Um dos graves problemas da literatura brasileira, quiçá também da latino-americana, apontados por Conceição (2005), incide no apagamento do tema da maternidade em afrodescendentes. Para a escritora, “o corpo da mulher *se salva* pela maternidade”, porém a falta de representação materna para a mulher negra leva-a a questionar se a literatura e a história estão “ocultando os sentidos de uma matriz africana” (p. 202). Em “Quantos filhos Natalina teve?”, há variados graus subversivos de (re)significação poética dos sentidos patriarcais dos mitos que envolvem a relação mãe/filho, especialmente quando se trata da concepção do feminino. Neste caso, o de Natalina, ou a questão da maternidade é centrada numa sexualidade pecaminosa; ou, na exaltação da santidade e abnegação da figura materna. Tal bipolaridade leva ao questionamento da veracidade do conhecido “instinto materno” (já referido), que parece ser nulo nas três primeiras gravidezes de Natalina - o que figura a relação entre o maternar e a violência – para enfim, se realizar apenas na quarta. Essa indefinição justifica a interrogação sem resposta ao título do conto e a consequente permanência do mistério...

Conceição Evaristo dilacera todos os estereótipos com relação ao corpo, maternidade e violência. A citação de Lilly Scherz, em *Cuerpo de mujer, campo de batalla* (2001), na epígrafe deste trabalho, corrobora a noção de que a figura da mãe “segue sendo o núcleo cultural estável e, ao seu redor, evoluiu a comunidade humana”. E, a epígrafe de Idina sintetiza o que se pode aguardar dos atos de liberação das

mulheres, em especial, de Natalina: “Estou desafiando a gravidade e você não vai me derrubar”.

Referências

- ALVES, Miriam. *BrasilAfro autoremovado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 [http://groups-beta.google.com/group/digitalsource. No site http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf, consultado em 10 de julho de 2016.
- _____. *O conflito: a mulher e a mãe*. Trad. de Vera Lúcia dos Reis. Record, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. v. I-II. Trad. de Sérgio Milliet. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1980.
- CHODOROW, Nancy and CONTRATTO, Susan. The fantasy of the perfect mother. In: CHODOROW, Nancy. *Feminism and psychoanalytic theory*. Yale University Press: 1989. p. 79-96.
- DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. Retirado de file:///F:/2015%20CONCEI%C3%87%C3%83O%20EVARISTO/artigoconstancia%20Litera fro.pdf, consultado em 15 de junho 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: BOLAÑOS, Aimée G. e BENAVENTE, Lady Rojas (Orgs.). *Voces negras das Américas: diálogos contemporâneos = Vozes negras das Américas: diálogos contemporâneos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011.
- DuPLESIS, Rachel Blau. Washing blood: introduction to this issue. *Feminist Studies*, 4(2), 1978, p. 1–12. www.jstor.org/stable/3177431.
- EVARISTO, Conceição. Quantos filhos Natalina teve? In:_____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. p. 43-50 [1ª. ed. *Cadernos Negros* 22, 1999].
- _____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros e SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora Universitária, 2005. p. 201-212.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpresso).
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Os discursos públicos sobre o estupro e a construção social de identidades de gênero. In: HEBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina e FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (orgs.). *Linguagem*

e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. P. 199-215.

SCHERZ, Lilly Wolfensberger. *Cuerpo de mujer, campo de batalla*. México, D.F.: Plaza y Valdés, 2001 [p. 85, 99].

MENZEL, Idina. Defying gravity. Retirado do site <https://www.youtube.com/watch?v=MslDnwerQRA>, consultado em 15 maio 2016.